



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO**

**FACULDADE DE LETRAS**

ANÁLISE DAS DIFERENÇAS SEMÂNTICAS ENTRE 'POUCO' E 'UM POUCO' E OS EFEITOS DA PRAGMÁTICA

Juliana dos Santos Delduque

Rio de Janeiro

2022

JULIANA DOS SANTOS DELDUQUE

ANÁLISE DAS DIFERENÇAS SEMÂNTICAS ENTRE 'POUCO' E 'UM POUCO' E OS EFEITOS DA  
PRAGMÁTICA

Monografia submetida à Faculdade de Letras da  
Universidade Federal do Rio de Janeiro, como  
requisito parcial para obtenção do título de  
Bacharel em Letras na habilitação Português-  
Japonês.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Ana Paula Quadros Gomes

RIO DE JANEIRO

2022

## CIP - Catalogação na Publicação

dD345a dos Santos Delduque, Juliana  
Análise das diferenças semânticas entre 'pouco' e  
'um pouco' e os efeitos da pragmática / Juliana  
dos Santos Delduque. -- Rio de Janeiro, 2022.  
43 f.

Orientadora: Ana Paula Quadros Gomes.  
Trabalho de conclusão de curso (graduação) -  
Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade  
de Letras, Bacharel em Letras: Português - Japonês,  
2022.

1. Semântica Formal. 2. Pouco. 3. Um Pouco. 4.  
Redutores de Grau do PB. I. Quadros Gomes, Ana  
Paula, orient. II. Título.

FOLHA DE AVALIAÇÃO

Juliana dos Santos Delduque  
DRE: 117088230

**ANÁLISE DAS DIFERENÇAS SEMÂNTICAS ENTRE 'POUCO' E  
'UM POUCO' E OS EFEITOS DA PRAGMÁTICA**

Monografia submetida à Faculdade de Letras  
da Universidade Federal do Rio de Janeiro,  
como requisito parcial para obtenção do título  
de Bacharel em Letras na habilitação Português-Japonês.

Data de avaliação: 27/ 04/ 2022

Banca Examinadora:

\_\_\_\_\_  
Quadros Gomes – Presidente da Banca Examinadora  
Profa. Dra. da Universidade Federal do Rio de Janeiro

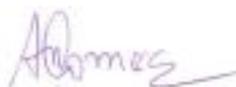
NOTA: \_10,0 (dez) Ana Paula

\_\_\_\_\_  
Sanchez Mendes  
Profa. Dra. da Universidade Federal Fluminense

NOTA: \_10,0 (dez) Luciana

MÉDIA: \_10,0 (dez)

Assinaturas dos avaliadores:



## SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO .....	6
1.1 SEMÂNTICA DE GRAUS .....	7
1.2 A SEMÂNTICA DOS MODIFICADORES DE GRAU REDUTORES DO PB.....	11
1.2.1 ‘POUCO’ MODIFICANDO ADJETIVOS .....	14
1.2.2 ‘POUCO’ MODIFICANDO NOMES .....	15
1.2.3 ‘POUCO’ MODIFICANDO SINTAGMAS VERBAIS .....	17
2 DIFERENÇA SEMÂNTICA ENTRE ‘POUCO’ E ‘UM POUCO’ E ANÁLISE DOS EFEITOS DA PRAGMÁTICA EM SUA MODIFICAÇÃO.....	21
3 EXPERIMENTO PILOTO.....	29
3.1 RESULTADOS.....	31
3.1.2 DISCUSSÃO DOS RESULTADOS .....	34
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	35
5 REFERÊNCIAS .....	38

## 1 INTRODUÇÃO

‘Pouco’ e ‘um pouco’ apresentam características semânticas em comum. Como será mostrado mais a frente, ambos são modificadores de grau do tipo redutor, que modificam adjetivos, sintagmas verbais, nomes e advérbios. Apesar de sua semântica apresentar características parecidas, ‘pouco’ e ‘um pouco’ apresentam diferenças em seu emprego e na interpretação: em (1a), a interpretação aponta para uma quantidade insatisfatória de sal no feijão, enquanto (1b) aponta para uma quantidade de sal um tanto maior do que o desejado.

- (1) a. O feijão está pouco salgado.  
 b. O feijão está um pouco salgado.

Há também diferenças sintáticas entre os dois redutores: ‘pouco’ não aceita modificação por ‘só’, ‘nem’ e ‘demais’ (2, 3), enquanto ‘um pouco’ não aceita modificação por ‘tão’, ‘muito’, ‘bem’ e ‘bastante’ (4, 5). Em (6), podemos observar que a modificação de nomes por ‘um pouco’ necessita da preposição ‘de’, diferentemente da modificação por ‘pouco’.

- (2) a. \*Ele não está nem pouco interessado em estudar.  
 b. Ele não está nem um pouco interessado em estudar.
- (3) a. \*A luz era pouco brilhante demais ali.  
 b. A luz era um pouco brilhante demais ali.
- (4) a. Ele é muito pouco educado.  
 b. \*Ele é muito um pouco educado.
- (5) a. Eu sou bem pouco otimista.  
 b. \* Eu sou bem um pouco otimista.
- (6) a. \* Eu comi pouco mais de chocolate.  
 b. Eu comi um pouco mais de chocolate.

Em várias línguas, foi observado pela literatura (ver HEIM, 2007; DUCROT, 1973; GOMES; SANCHEZ-MENDES, 2015) que há um tipo de modificador de grau que aparece em duas formas: numa, está acompanhado de artigo indefinido, e na outra, não. Esse modificador é descrito pela semântica formal como redutor/ minimizador, justamente a categoria em que ‘pouco’ e ‘um pouco’ estão inseridos. No inglês, encontramos o par ‘*little*’/ ‘*a little*’ e no

francês há o par ‘*peu*’/ ‘*un peu*’. O estudo da diferenciação de ‘pouco’ e ‘um pouco’ no Brasil realizado por Ducrot (1977) se deu através da semântica da argumentação. Segundo o autor, ‘pouco’ indica insuficiência e ‘um pouco’ indica suficiência. Por exemplo, ao ser questionado ‘Mas você tem certeza de que treinou o suficiente para a corrida?’ o ouvinte interpretaria a resposta ‘Treinei um pouco’ como ‘Sim, acho que consigo correr bem’, enquanto a resposta ‘Eu treinei pouco’ seria interpretada como ‘Não, acho que não consigo correr a contento’.

Mendes (2016), com base na semântica referencial, analisou o trabalho de Ducrot (1977), levantando questionamentos importantes sobre as diferenças entre ‘pouco’ e ‘um pouco’: (i) seriam ambos quantificadores?; e, (ii) poderia ‘um pouco’ ser analisado composicionalmente?. Porém, até onde temos conhecimento, essas questões ainda não foram completamente resolvidas para o português.

Neste trabalho, utilizaremos a semântica de graus (KENNEDY, 1999; KENNEDY; MCNALLY, 2005) com objetivo de aprofundar as diferenças entre ‘pouco’ e ‘um pouco’.

## 1.1 SEMÂNTICA DE GRAUS

Segundo Kennedy e McNally (2005), os modificadores de grau do tipo ampliador/intensificador introduzem uma comparativa de superioridade implícita, enquanto os do tipo redutor/atenuador introduzem uma comparativa de inferioridade implícita. Um mesmo sapato pode apresentar um grau de altura maior do que o desejado (7) ou menor do que o desejado (8). Essa comparativa implícita é introduzida pelos modificadores ‘muito’ em (7) e ‘pouco’ em (8).

(7) O salto deste sapato é muito alto, pois tem 10cm. (para o dia a dia)

(8) O salto deste sapato é pouco alto, pois tem 10cm. (para um casamento)

Modificadores de grau não podem operar sobre expressões sem grau (9).

- (9) a. O cachorro é (\*muito/ \*pouco) mamífero. (adjetivo)  
 b. A engenheira construiu (\*muito/ \*pouco) um prédio. (sintagma verbal)  
 c. O (\*muito/ \*pouco) aluno compareceu hoje. (nome)

Modificadores de grau operaram exclusivamente sobre expressões com grau (9’).

- (9’) a. O cachorro é muito/ pouco agitado. (adjetivo)  
 b. A engenheira dormiu muito/ pouco esta noite. (sintagma verbal)  
 c. Os muitos/ poucos alunos de grego compareceram hoje. (nome)

Ainda segundo Kennedy e McNally (2005), os adjetivos são divididos em adjetivos de grau (AGs) e adjetivos sem grau. Os AGs apresentam propriedade de medida de um certo indivíduo que se localiza em uma escala.

Há alguns testes consagrados pela literatura para sabermos se um adjetivo é ou não de grau: (10) aceitam intensificação e (11) e podem entrar em estruturas comparativas:

- (10) a. A árvore é muito / bastante / um pouco alta.  
 b. \*A prestação é muito / bastante / um pouco mensal.
- (11) a. A Árvore de Natal da Lagoa é mais alta que um prédio de 10 andares.  
 b. \*A prestação é mais mensal que o crediário.

De acordo os testes em (10) e (11), podemos observar que “alta” é um AG, enquanto “mensal” é um adjetivo sem grau. Os adjetivos que passam no teste de grau são considerados adjetivos que introduzem uma escala. Escalas são uma sucessão de graus de valores positivos, ordenados em sentido crescente, como numa régua. Escalas apresentam diferenças estruturais (aberta; parcialmente fechada; fechada). (KENNEDY & MCNALLY 2005).

Para exemplificarmos uma escala aberta utilizaremos a sentença em (12).

- (12) O Coliseu de Roma é famoso.

Em um contexto em que o Coliseu de Roma recebe 5 milhões de visitantes por ano e o Cristo Redentor recebe 3 milhões, o Coliseu será considerado mais famoso do que o Cristo Redentor.

Mas se compararmos o Coliseu à Grande Muralha da China, que recebe 9 milhões de visitantes anualmente, a Muralha da China será considerada mais conhecida. Na escala aberta, o falante pode escolher o parâmetro de comparação livremente, mudando o valor de verdade da

sentença, como vimos: o Coliseu é famoso comparado ao Cristo Redentor, mas não tão famoso se comparado à Muralha da China.

Na escala totalmente fechada, o julgamento independe do contexto, como é o caso de ‘cheio’ e ‘vazio’ (13).

(13) a. A jarra está cheia.

b. A jarra está vazia.

Nesse contexto, uma jarra será considerada vazia com 0% de preenchimento. Não haverá diferença de julgamentos se a compararmos a um copo, uma taça ou uma bacia: a jarra sempre estará vazia se seu preenchimento for igual a zero; se adicionarmos qualquer quantidade de líquido, a jarra deixará de ser vazia. Uma jarra está cheia quando atinge 100% de preenchimento. Se a capacidade total da jarra é 1 litro e adicionarmos 1,5 litros, a jarra transbordará e, novamente, a comparação com outros objetos não mudará o nosso julgamento de que ela está cheia. Na escala completamente fechada, as duas pontas da escala independem do contexto; por isso, são consideradas fechadas.

Na escala parcialmente fechada, uma ponta é fechada e a outra é aberta, isto é, o valor de verdade de uma ponta não será alterado, independente do contexto, enquanto a outra pode ser, assim como ocorre com os adjetivos ‘fechado’ e ‘aberto’ (14):

(14) a. A porta está fechada.

b. A porta está aberta.

A escala de ABERTURA (ou FECHAMENTO) é fechada numa ponta só, ou parcialmente fechada, e tem dois polos: os adjetivos ‘aberto’ e ‘fechado’. A ponta fechada da escala é ‘fechado’, que expressa uma comparação de igualdade entre zero graus de abertura e o estado da porta; a ponta aberta da escala é o outro polo, ‘aberto’. A verdade da sentença ‘a porta está aberta’ aceita qualquer grau diferente de zero. Essa é uma igualdade às avessas. Dizemos que ‘fechado’ é um adjetivo de grau máximo, como ‘cheio’; e ‘aberto’ é um adjetivo de grau mínimo.

Os redutores/ minimizadores de grau são nomeados assim por exigirem que o AG apresente um grau de propriedade menor do que um parâmetro de comparação. Kennedy e McNally (2005) afirmam que o parâmetro de comparação é outra característica dos AGs, podendo ser fixado pelo contexto (como o adjetivo ‘famoso’, que pode ser verdadeiro para um ser ou objeto em um contexto e falso em outro); ou pode ser determinado independentemente do contexto (como o adjetivo ‘vazio’, que exige apenas que o grau de preenchimento seja igual a 0%).

Kennedy e McNally (2005), ao analisarem os intensificadores ‘*much*’, ‘*very*’ e ‘*well*’, observaram que há uma distribuição complementar entre cada um, sendo cada um especializado em modificar certo tipo de escala, e esse efeito ocorre na seleção do adjetivo. Em PB, os modificadores de grau não selecionam os adjetivos que modificam pela natureza da escala, mas sim formam com eles uma expressão complexa que é sempre do mesmo tipo de escala; por exemplo, ‘pouco’ sempre produz uma escala aberta, ao modificar um adjetivo. Se pensarmos em um contexto em que alguém afirma (15), querendo usar a camisa que está pendurada no varal, tendo sido lavada ontem, veremos que o adjetivo ‘seca’ apresenta uma escala fechada – ou algo está seco ou não está –; porém, ao adicionarmos o modificador ‘pouco’, este forma o composto ‘pouco seco’, que introduz uma escala aberta, com as leituras: (i) a camisa não está seca, mas ainda está molhada em algum grau; ou, (ii) a camisa está menos seca do que o ideal para ser vestida.

(15) A camisa do Santos está pouco seca.

Neste trabalho, assumimos que não há só sintagmas adjetivais, mas que há também sintagmas verbais, sintagmas nominais e sintagmas adverbiais com e sem grau. Trataremos ‘pouco’ e ‘um pouco’ como redutores do PB. Nossa hipótese é a de que cada um desses redutores realiza a mesma operação nos domínios adjetival, verbal, nominal e adverbial. Nas próximas seções, trataremos da redução realizada por ‘pouco’. Em seguida, na seção 2, trataremos da divisão semântica entre ‘pouco’ e ‘um pouco’.

## 1.2 A SEMÂNTICA DOS MODIFICADORES DE GRAU REDUTORES DO PB

Heim (2007) atribui à *'little'* uma leitura de graus, ao apresentar um limite mínimo e máximo em seus exemplos, sendo essa a primeira associação de escalas de graus aos moldes de Kennedy e McNally (2005) feita à *'little'*, a qual adotamos para 'pouco' no PB. Heim propõe duas interpretações para *'little'*, em um contexto em que há uma estrada em que a velocidade mínima permitida é 30km/h e a máxima é 90km/h:

- (i) Aquele carro foi multado por estar pouco veloz/rápido. (carro trafegando a 25km/hora)
- (ii) Aquele carro foi multado por ir pouco devagar (carro trafegando a 95 km/hora)

Na primeira sentença, o carro está em um grau de velocidade abaixo do mínimo permitido; na segunda, o carro está em um grau acima do máximo permitido. Heim propõe que *'little'* é uma negação, que inverte o valor da escala, criando uma condição em que o carro não pode estar nem pouco rápido e nem pouco devagar, mas deve estar dentro dos limites inferior e superior para não ser multado. Interessantemente, se o mesmo carro estiver trafegando nas mesmas velocidades informadas, essa situação também pode ser descrita assim:

- (iii) Aquele carro foi multado por estar um pouco devagar (demais). (carro trafegando a 25km/hora)
- (iv) Aquele carro foi multado por ir um pouco veloz/rápido (demais) (carro trafegando a 95 km/hora)

Não há contradição entre as sentenças (i) e (ii), de um lado, e as (iii) e (iv), de outro. Entendemos que a vagareza do carro está além do limite, em (iii), e que a rapidez do carro está além do limite, em (iv). Essas são formas alternativas de dizer que a rapidez do carro é menor que a determinada por lei (i) ou que a vagareza do carro é menor que a determinada por lei (iv). Outro ponto importante do famoso texto de Heim é a ideia de que 'pouco' significa menos que x, sendo x aquilo que o parâmetro de comparação não pronunciado do adjetivo indica. Para o julgamento do valor de verdade de sentenças como (i), (ii), (iii) e (iv), não é o valor da velocidade em si (a marca, o grau) que interessa nos exemplos, mas sua relação com os valores

(graus) dos limites definidos pelas leis do trânsito. É um tratamento relacional, gradual para ‘pouco’.

A descrição e análise de ‘pouco’ e ‘um pouco’ no PB é recente e, até onde temos conhecimento, não há trabalhos que esgotem esse tema em PB. Além da nossa própria pesquisa de IC, e do artigo publicado por nós na Revista de Estudos Linguísticos, ainda são relativamente poucos os trabalhos que se debruçam sobre a questão da diferenciação de ‘pouco’ e ‘um pouco’. Dessa forma, a análise de Mendes (2016) é muito bem-vinda, pois utiliza a semântica formal para abordar as diferenças entre ‘pouco’ e ‘um pouco’. O autor traz um levantamento de dados sobre a descrição de uso de ‘pouco’, analisando as afirmações de Ducrot (1977) para ‘*peu*’ e ‘*un peu*’, equivalentes a ‘pouco’ e ‘um pouco’ do PB. Seguindo Ducrot, um teórico da corrente da semântica da argumentação, a diferença entre ‘pouco’ e ‘um pouco’ pode ser depreendida das paráfrases a seguir:

(16) a. Ele bebeu pouco vinho.

“Ele bebeu vinho e vinho em pequena quantidade.”

b. Ele bebeu um pouco de vinho.

“Ele bebeu vinho, mas uma quantidade pequena.”

A análise de Ducrot é feita a partir do discurso (nível retórico), para explicar a diferença entre as conjunções apresentadas nas paráfrases.

Segundo Mendes (2016), na abordagem quantitativa de descrição do significado básico dos termos: (i) ‘pouco’ afirma uma restrição; e, (ii) ‘um pouco’ restringe uma afirmação. Dentro de uma escala, ‘pouco’ denota ‘algum grau ou nenhum’ e ‘um pouco’ denota ‘pelo menos um grau ou mais’.

Na análise de Mendes (2016), ‘pouco’ e ‘um pouco’ não são sinônimos. Segundo o autor, ‘pouco’ fecha a escala de quantidade em um ponto próximo a zero e desativa inferências para cima, ou seja, em uma sentença como ‘Tenho pouco dinheiro no bolso’ não é possível inferir que o falante tenha muito dinheiro. Já ‘um pouco’ fecha a escala em um ponto qualquer, desativa inferências para baixo na escala e permite inferências para cima; ou seja, ao afirmar ‘Tenho um pouco de dinheiro no bolso’ não é possível que o falante não tenha nenhum dinheiro e pode ser que ele tenha muito dinheiro no bolso.

Em seguida, o autor faz um comparativo entre ‘muito’, ‘pouco’ e outros quantificadores. Para ele, ‘muito’ e ‘pouco’ têm propriedades semânticas distintas dos quantificadores tradicionais. As características em comum entre ‘muito’ e ‘pouco’ são propriedades parecidas com as dos adjetivos relativos: dependência contextual e polaridade — polaridade é um fenômeno que envolve escolher entre duas perspectivas que não são necessariamente contraditórias (MENDES, 2016).

Por último, Mendes (2016) levanta questões sobre ‘muito’ e ‘pouco’; indagando se ambos são ou não quantificadores (se sim, de que tipo? E se não, o que seriam?). No âmbito da diferenciação de ‘pouco’ e ‘um pouco’, o autor pergunta se seria possível analisar ‘um pouco’ composicionalmente, ou seja, a soma de ‘um’ e ‘pouco’. Contudo, ali ainda não há resposta para essas questões.

Os questionamentos feitos por Mendes (2016) são úteis para a questão da diferenciação de ‘pouco’ e ‘um pouco’. Entretanto, o autor não trabalha com expressões como ‘modificador de graus’, ‘reductor/ minimizador’. Neste trabalho, apesar de utilizarmos escalas para diferenciarmos ‘pouco’ e ‘um pouco’, nossa proposta difere da proposta de Mendes (2016). Propomos que ‘pouco’ e ‘um pouco’ são modificadores de graus do tipo reductor, que modificam apenas escalas abertas (GOMES 2018, GOMES; DELDUQUE, 2019).

Propomos que ‘pouco’ é um modificador de graus especializado em criar escalas abertas ao se combinar com o sintagma modificado, que modificada escalas abertas. Portanto, nos domínios adjetival (17), adverbial (18), nominal (19) e verbal (20), a semântica das expressões produzidas por ‘pouco’ será a mesma: ‘pouco’ introduz uma comparativa de inferioridade, mantendo um único significado, aquele atribuído por Kennedy e McNally (2005) a redutores/ minimizadores, como podemos observar nas paráfrases nas letras (b) abaixo:

(17) a. O palestrante é pouco comunicativo.

b. O palestrante é menos comunicativo do que deveria ser.

(18) a. O automóvel anda pouco rápido.

b. O automóvel anda menos rapidamente do que deveria.

(19) a. Tem poucas cadeiras na sala.

b. Tem menos cadeiras na sala do que era esperado.

(20) a. Joana gosta pouco do irmão dela.

b. Joana gosta menos do irmão dela do que o esperado.

Em todas as sentenças, o grau do objetivo modificado é menor do que de um parâmetro (que não é pronunciado, não é um constituinte realizado da sentença, mas é contextualmente recuperado). Nas próximas seções, nos debruçaremos com mais calma sobre os domínios adjetival, verbal, nominal e adverbial. Vamos começar pelo adjetival.

### 1.2.1 ‘POUCO’ MODIFICANDO ADJETIVOS

Como apresentado anteriormente, nossa hipótese é a de que ‘pouco’ é um modificador de graus especializado em escalas abertas, que modifica adjetivos de grau como ‘estudiosa’ (21) mas não pode modificar os sem grau, como ‘salarial’ (22).

(21) João é pouco estudioso.

(22) \*A folha de pagamento é pouco salarial.

Todas as sentenças em (23) são bem formadas, ‘pouco’ modifica um AG de escala fechada no grau mínimo (23a), um AG de escala fechada no grau máximo (23b), e um AG de escala aberta (23c). Isso é inesperado para a literatura. De acordo com Kennedy e McNally (2005), no inglês, os modificadores são especializados em modificar apenas um tipo de escala; os redutores do inglês não modificam adjetivos de grau máximo, só os adjetivos de grau mínimo, diferentemente do que pode ser observado para o PB em (23b). Para o inglês, Kennedy e McNally (2005) preveem que tanto (23b) quanto (23c) sejam agramaticais, dado que, em inglês, o redutor selecionaria a estrutura de escala dos adjetivos de grau mínimo, que são escalas fechadas em um só extremo:

(23) a. A camisa estava pouco molhada. (adjetivo de grau mínimo)

b. A camisa está pouco seca. (adjetivo de grau máximo)

c. O salto deste sapato é pouco alto. (adjetivo relativo)

Mas, embora os exemplos em (23) mostrem que em PB os modificadores de graus não fazem distinção entre estruturas de escala na seleção semântica dos AGs que modificam, há uma regularidade na interpretação. A modificação de um adjetivo por ‘pouco’ sempre gera uma comparação de inferioridade. Em (23a), o grau de umidade da camisa precisa estar abaixo do parâmetro contextual; e em (23b), o grau de secura da camisa precisa estar abaixo de um parâmetro contextual.

Adotaremos Gomes (2010), que afirma que o efeito das escalas é universal, mas os parâmetros variam de uma língua para outra: em inglês é na seleção do item modificado e em PB o efeito do tipo de escala é no produto. Segundo essa proposta, ‘pouco’ modifica qualquer AG, mas, seja qual for a estrutura de escala do AG modificado, o produto da modificação de um AG por ‘pouco’ é invariavelmente uma escala aberta, em que o a denotação do AG modificado por ‘pouco’ apresenta o grau mais baixo entre os comparados.

### 1.2.2 ‘POUCO’ MODIFICANDO NOMES

No domínio nominal, a inserção de ‘pouco’ em algumas sentenças gera agramaticalidade.

(24) a. O (\*pouco) voluntário gosta de ajudar.

b. Dois (\*poucos) voluntários já foram expulsos desse programa.

(25) a. Os poucos funcionários da empresa faltaram hoje.

b. Os funcionários dessa empresa eram poucos.

(26) a. O pouco vinho que eles tinham estava acabando.

b. Eles tinham pouco vinho.

(27) a. Os doutores que compareceram à cerimônia eram muito poucos/ bem poucos.

b. \* Os doutores eram poucos três.

- (28) a. Sobrou pouco brigadeiro depois de rechear o bolo.  
 b. \*Sobrou o pouco brigadeiro.

Essa agramaticalidade se dá pelas escalas de quantidade, que se dividem em abertas e fechadas. Há nomes que apresentam graus em sua escala lexical, gerando leituras de intensidade, como ‘calor’, ‘frio’, ‘prazer’, ‘dor’, ‘inteligência’ etc. Outros não apresentam grau em sua entrada lexical, mas podem ser modificados na dimensão de quantidade, que tem leitura de volume ou de cardinalidade. Se a quantidade nominal for tratada como uma escala, então a cardinalidade exata (‘uma abóbora’, ‘5 feirantes’) e o volume delimitado (‘meio quilo de uva’, ‘125ml de leite’) são escalas fechadas, pois tomam o grau máximo de quantidade do elemento no contexto. Na cardinalidade exata, há um teto que permite dizer exatamente quantos são os indivíduos membros daquela pluralidade, o que corresponde a um grau máximo. Assumimos com Barner e Snedeker (2005) que nomes massivos têm preferencialmente leitura de volume, e nomes contáveis, preferencialmente leitura de cardinalidade. Defenderemos aqui que a sintaxe dos sintagmas nominais do PB (ser nome nu ou sintagma de determinante) importa, conforme Gomes e Sanchez-Mendes (2018).

‘Pouco’ reduz o grau de quantidade em alguns nomes (29) e reduz a intensidade em outros nomes (30), como podemos observar nas paráfrases em (b); em (29), ‘pouco’ reduz a quantidade de responsáveis que vieram e, em (30), reduz a intensidade do sentimento de confiar. ‘Pouco’ modifica a dimensão de quantidade, seja volume (31) ou cardinalidade (32).

- (29) a. Vieram poucos responsáveis à reunião.  
 b. Vieram menos responsáveis do que o esperado.
- (30) a. Marcos tem pouca confiança em João.  
 b. A confiança de Marcos em João é menor do que a esperada.
- (31) a. Bebi pouco suco de laranja.  
 b. O volume de suco que bebi é menor do que o desejado.

- (32) a. Tem poucas mesas disponíveis no restaurante.  
 b. A quantidade de mesas restaurante é menor do que o desejado.

Nossa hipótese era a de que nomes inerentemente graduáveis (como ‘dor’) ou com quantidade escalar, com estrutura graduável de escala aberta, serão modificados por ‘pouco’, mas nomes singulares (que não apresentam escala de quantidade, que não geram leituras intensificacionais) não serão modificados, sendo este o motivo para ‘pouco’ não coocorrer com sintagmas de determinante contendo nomes contáveis, como apresentado em (29). Por expressar um grau vago (de quantidade), ‘pouco’ não pode coocorrer com nomes com leitura de cardinalidade exata (30). O exame dos dados confirmou o que tínhamos hipotetizado.

### 1.2.3 ‘POUCO’ MODIFICANDO SINTAGMAS VERBAIS

No domínio verbal, a inserção de ‘pouco’ em algumas sentenças gera agramaticalidade.

- (33) a. Corri (\*pouco) uma corrida de 500 metros.  
 b. Ela guardou (\*pouco) o remédio na bolsa antes de sair da farmácia.  
 c. João chegou (\*pouco) à praia há 40 minutos.  
 d. O óleo esquentou (\*pouco) até 200 graus.  
 e. A refeição será (\*pouco) servida em breve.  
 f. A estudante passou (\*pouco) no concurso público.  
 g. Ele foi (\*pouco) para o trabalho neste sábado às 8 horas.  
 h. Meu irmão será (\*pouco) farmacêutico.

‘Pouco’ sempre seleciona escalas abertas. No domínio verbal, fica mais evidente essa seleção de escalas, pela agramaticalidade nas sentenças anteriores. Isso é diferente do que foi constatado para o domínio adjetival. Neste, ‘pouco’ se combina com todos os adjetivos de grau, sejam de que escala forem, formando junto com eles, pela modificação, sempre uma escala aberta. No domínio verbal, essa seleção é mais clara do que no domínio adjetival, com a distribuição de ‘pouco’ se aproximando mais da proposta dos redutores de grau do inglês proposta por Kennedy e McNally (2005).

Vendler (1957) divide em quatro o aspecto lexical dos sintagmas verbais: (i) estados \_ possuem duração, mas não possuem culminância intrínseca (podem ser permanentes, como ‘Um mais um são dois’ ou provisórios, como ‘Estou cansado’) e resistem ao perfectivo (\*‘Um mais um foram dois’); (ii) atividades \_ possuem duração, não possuem culminância intrínseca (‘Maria dorme’), mas o aspecto perfectivo coloca um fim a essa eventualidade (‘Maria dormiu’); (iii) *accomplishments* \_ possuem duração (e etapas diferentes – apresentam subeventos heterogêneos) e também possuem culminância intrínseca (a eventualidade de ‘construir um prédio’ em ‘A engenheira construiu um prédio’ não pode continuar depois de o prédio ficar pronto, apenas reformas são possíveis); e (vi) *achievements* \_ não possuem duração, pois são pontuais, e apresentam culminância intrínseca (em ‘O brasileiro ganhou a corrida’, a vitória do brasileiro se dá no instante em que ele atravessa a linha de chegada, e não pode mais prosseguir daí em diante).

Kennedy e McNally (2005) analisaram apenas as estruturas graduáveis em adjetivos, porém, trabalhos como de Sanchez-Mendes (2015), Gomes e Sanchez-Mendes (2015), Gomes (2018), Delduque (2018) e Gomes e Delduque (2019) realizam a transposição de características dessas escalas para as classes acionais de Vendler (1957). A culminância é interpretada como uma escala fechada, por haver um ponto final definido para a ação (em ‘A cozinheira fez um bolo’, não é possível continuar a fazer o mesmo bolo depois de ele ficar pronto), fato semelhante aos adjetivos de escala fechada. Os *accomplishments* e *achievements* são, portanto, escalas fechadas. A falta de culminância, característica de estados e atividades (eventualidades atéticas), dá em escalas abertas (em ‘Eu dormi’, não há um limite pré-definido para quanto tempo alguém pode dormir: posso dormir por 30 minutos ou por 12 horas). Sanchez-Mendes (2015) analisou o modificador *pitat* (do Karitiana), que é intensificador (modifica adjetivos) e também advérbio (modifica sintagmas verbais) como reagindo sempre da mesma forma a tipos de escalas (distinguindo abertas de fechadas), sejam elas fornecidas pelo verbo ou pelo adjetivo.

Nossa hipótese é a de que o modificador de grau ‘pouco’ pode operar sobre qualquer tipo de escala, e, portanto, atua também sobre escalas aspectuais. Seguindo nossa hipótese de que ‘pouco’ seleciona escalas abertas, esperamos que ele selecione as dimensões aspectuais que apresentem essa característica e que não modifique SVs sem grau e escalas fechadas, como *accomplishments* e *achievements*.

É importante ressaltar que, como foi observado por Gomes (2018) e Gomes e Delduque (2019), algumas propriedades ou dimensões do SV, como a frequência, que é uma pluralidade de episódios (ex. ‘Maria vai pouco à academia’ pode ser interpretada como “a quantidade de vezes que Maria vai à academia é menor do que a recomendada pelo professor”), duração (ex. ‘Passei pouco com meu cachorro hoje’ pode ser interpretada como “passei menos do que o habitual”) e mudança de estado e culminância ou telicidade (ex. “Entre (\*pouco) na sala de aula agora” – como apontamos, ‘pouco’ não pode modificar essa dimensão escalar aspectual, por ser uma escala fechada: a culminância é o grau máximo de eventualidades télicas).

Leituras de frequência tornam sintagmas verbais numa escala aberta, fazendo com que a modificação por ‘pouco’ seja licenciada (ex. ‘Pedro come pouco’); por serem uma escala aberta, não há um número máximo de vezes para os episódios contidos em um recorte indefinido de tempo: acima de 2 vezes, qualquer quantidade naquele período serve. Os estados são resistentes a mudanças e quase nunca apresentam leitura de frequência, não podendo denotar episódios culminados sem um delimitador extra<sup>1</sup>. Sendo assim, praticamente nunca encontraremos um SV estado modificado por ‘pouco’ com leitura de frequência (ex. ‘O Brasil (\*pouco) faz fronteira com o Paraguai’).

As classes acionais em que há mudança de estado são as atividades, os *accomplishments* e os *achievements*. Em leituras de episódio singular, em que o episódio acontece uma única vez, as atividades não culminam, enquanto *accomplishments* e *achievements* culminam. A culminância é a ponta fechada da escala nos SVs e, em sua ausência, o SV apresentará escala aberta, semelhantemente aos adjetivos de escala aberta. Como vimos anteriormente, as atividades são atélicas e apresentam escalas abertas, não havendo um limite intrínseco para sua duração ou frequência (34a). Já no caso dos *accomplishments* (34b) e *achievements* (35), há um limite: depois que uma pessoa bebe toda a xícara de café, não é possível continuar a beber aquele mesmo café. O mesmo ocorre ao entrar em uma sala, não sendo possível continuar entrando, o ato acontece uma única vez (culmina) e de forma instantânea (não há duração).

(34) a. Lucas comeu pouco. (atividade)

---

<sup>1</sup> Podemos dizer “Eu morei nessa cidade duas vezes”, mas não \* “Eu moro aqui duas vezes” – é preciso delimitar o evento com o perfectivo para poder falar de episódios distintos; considerando que eu tenha morado em BH duas vezes e em SP 5 vezes, em períodos distintos da minha vida, seria possível expressar essa comparação dizendo “Eu morei pouco em BH”. Entretanto, para estados permanentes ne o recurso do perfectivo dá resultado: “Meu bisavô foi um homem alto”/ \* “Meu bisavô foi um homem alto duas vezes”/ \* “Meu bisavô foi pouco um homem alto”.

b. Lucas bebeu (\*pouco) a xícara de café inteira. (*accomplishment*)

(35) a. Maria entrou na sala dos professores há 1 hora. (*achievement*)

b. #Maria entrou pouco na sala dos professores agora.

c. Maria entrou pouco na sala dos professores, durante o período em que era uma estagiária. (*achievement* + leitura de frequência)

Com isso, observamos que, no domínio verbal, ‘pouco’ modifica, tipicamente, atividades (36). A modificação em estados só ocorrerá se os verbos forem inerentemente graduais (37a) (com entrada lexical que remeta a estados intensificáveis pelo seu próprio significado) e gerará agramaticalidade em verbos dessa classe acional que não sejam lexicalmente graduais (37b).

(36) João dormiu pouco.

(37) a. Ela gosta pouco de chocolate.

b. \* Meu irmão será pouco farmacêutico.

Reforçamos que, para que uma sentença com ‘pouco’ seja verdadeira, é necessário que o grau da propriedade modificada seja menor do que o parâmetro de comparação. Independentemente de qual for o domínio, ‘pouco’ faz sempre a mesma operação: introduzir uma comparativa implícita de inferioridade, que é uma escala aberta. Nas sentenças abaixo, representando cada um dos domínios, essa operação pode ser verificada.

(38) a. João é pouco inteligente. (domínio adjetival)

b. João tem pouca vontade de estudar. (domínio nominal)

c. João lê pouco. (domínio verbal)

d. João estuda pouco depressa. (domínio adverbial)

As sentenças em (38) podem ser parafraseadas como: ‘pouco inteligente’ = menos inteligente que o parâmetro, ‘pouca vontade’= menos vontade que o parâmetro, ‘lê pouco’= lê menos que o parâmetro, ‘pouco depressa’= mais lento que o parâmetro. Em todas as sentenças pode ser verificado que o grau da propriedade se torna menor que um parâmetro após a modificação por ‘pouco’ por causa da comparativa implícita de inferioridade introduzida por esse modificador.

Dessa forma, os dados nos mostram que ‘pouco’ faz sempre a mesma operação, em qualquer domínio. Em nossa análise de dados do sintagma verbal, trabalhamos apenas com o modificador ‘pouco’, sendo necessário coletar e analisar dados com ‘um pouco’. Acreditamos que o licenciamento de ambos seja igual, pois todos os tipos de escala que licenciam modificação por ‘pouco’ também licenciam a modificação por ‘um pouco’, e todos os tipos de escala que barram a modificação por ‘pouco’ também barram a modificação por ‘um pouco’. Embora a seleção de ambos seja igual, a modificação desses redutores produz escalas distintas em certo ponto, o que será trabalhado na seção seguinte.

## **2 DIFERENÇA SEMÂNTICA ENTRE ‘POUCO’ E ‘UM POUCO’ E ANÁLISE DOS EFEITOS DA PRAGMÁTICA EM SUA MODIFICAÇÃO**

Como visto anteriormente, em diversas línguas há um tipo de modificadores de grau que aparece em duas formas, uma forma sozinha (‘*little*’, ‘*peu*’, ‘pouco’) e uma forma acompanhada por artigo (‘*a little*’, ‘*un peu*’, ‘um pouco’). Nosso objetivo é explicar essa diferença de forma composicional. A seguir nos debruçaremos sobre a semântica de cada uma das partes (‘pouco’, ‘um’) e seu somatório (‘um pouco’).

Em diversos domínios, a semântica de ‘pouco’ introduz uma comparação de inferioridade com um parâmetro recuperado do contexto, que pode ser parafraseada como ‘x apresenta um grau menor que y’.

A contribuição de ‘um’ é introduzir um quantificador existencial,  $\exists$ , asseverando a existência de um intervalo da escala, um tanto medido, como um segmento de régua (de 2 cm, por exemplo, o intervalo que vai da marca 4 para a marca 6, numa régua de 30 cm), e esse tanto, que é positivo, é menos do que alguma coisa (menos que o restante da régua, por exemplo, que os outros 28cm). Por isso, temos a leitura de que a quantidade ainda é pouca, mas de que a direção é positiva, e não da falta, como Ducrot (1977) aponta: temos um grau maior que zero, maior que nada, então temos alguma coisa.

Portanto, na nossa proposta, ‘um pouco’ é o resultado de ‘um’ + ‘pouco’ e quer dizer um tanto (uma medida, um intervalo de escala) que existe e que é menor que o parâmetro de comparação.

(39) a. Maria tem um pouco de geleia na bochecha.<sup>2</sup>

b.  $\exists x$  [geleia (x) e em-grau-menor-na-comparação(x)  $\wedge$  está-na-bochecha-de-Maria(x)]

A forma lógica em (36b) pode ser parafraseada assim, em linguagem comum: existe um tanto de geleia na bochecha de Maria e esse tanto é menos do que um parâmetro contextual, que pode ser: (i) o suficiente para cobrir o rosto dela todo; (ii) menos do que costuma ter de sujeira no rosto dela quando ela como geleia; etc.

Sendo a contribuição de ‘um’ o operador existencial  $\exists$ , que vai prender também uma quantidade positiva de x (em nomes, a escala disponível é a de quantidade); e a contribuição de ‘pouco’ é a parte em-grau-menor-na-comparação(x) (sendo x um nome, é a quantidade que é inferior).

O mesmo significado é verificado quando ‘um pouco’ está inserido em sintagmas verbais:

(40) a. Eu dormi um pouco.

b.  $\exists x$  [duração-evento(x) e em-grau-menor-na-comparação(x)  $\wedge$  do-meu-episódio-de-sono(x)]

Como paráfrase de (40b), temos: existe um intervalo de tempo que eu passei dormindo e esse intervalo é menor que um parâmetro contextual (é curto comparado com o que os outros dormem, com o que eu costumo dormir, com o que eu deveria dormir etc.)

O significado se mantém também em sintagmas adjetivais:

(41) a. O filme é um pouco longo.

b.  $\exists x$  [duração-intervalo-de-tempo-longa(x) e em-grau-menor-na-comparação(x)  $\wedge$  do filme-(x)]

---

<sup>2</sup> Agradeço a professora Ana Paula Gomes por ter sugerido este exemplo importante para ilustrar a contribuição de ‘um’ para ‘pouco’.

Uma paráfrase para (41b) seria: existe um intervalo de tempo entre o início e o fim do filme que é menor do que um parâmetro contextual (por exemplo, existem filmes mais longos que esse) – ou seja, ele tem certa duração, que o classifica como longo em alguma medida, mas dado que essa medida é pequena, ele não é muito longo (é menos longo que outros, ou que a média).

O  $x$  nas letras (b) de (39) a (41) representa o segmento de reta (ou intervalo de escala) que tem início em zero e vai crescendo, se estendendo até chegar ao valor correspondente à medida daquilo que é modificado por ‘um pouco’. A diferença entre ‘pouco’ e ‘um pouco’ está então no seguinte: ‘pouco’ compara dois graus isolados (pontos numa escala); ‘um pouco’ compara segmentos, intervalos de escala com um limite inicial e um final. Para ilustrar isso, mostraremos uma versão das sentenças examinadas em que trocamos ‘um pouco’ por ‘pouco’, em que trocamos a variável  $x$  por  $d$  (de *degree*, em inglês: um valor de grau):

(39’) a. Maria tem pouca geleia na bochecha.

b.  $\exists d_1 \exists d_2$  [tanto-de-geleia-na-bochecha-de-Maria( $d_1$ ) & parâmetro-contextual-de-comparação( $d_2$ ) &  $\exists d_1 < \exists d_2$ ]

(40’) a. Eu dormi pouco.

b.  $\exists d_1 \exists d_2$  [tanto-de-duração-do meu-sono-nessa-ocasião( $d_1$ ) & parâmetro-contextual-de-comparação( $d_2$ ) &  $\exists d_1 < \exists d_2$ ]

(41’) a. O filme é pouco longo.

b.  $\exists d_1 \exists d_2$  [tanto-que-o-filme-se-alonga( $d_1$ ) & parâmetro-contextual-de-comparação( $d_2$ ) &  $\exists d_1 < \exists d_2$ ]

As condições de verdade propostas para as sentenças com ‘pouco’ são as mesmas de uma comparativa explícita de inferioridade, como vemos abaixo:

(42) a. João é menos alto que Maria.

b.  $\exists d_1 \exists d_2$  [altura-de-João( $d_1$ ) & altura-de-Maria( $d_2$ ) &  $\exists d_1 < \exists d_2$ ]

Para explicitar a composicionalidade de ‘um’ e ‘pouco’, refaremos a forma lógica da sentença (39):

(39) a. Maria tem um pouco de geleia na bochecha.

b.  $\exists x \exists d_1 \exists d_2$  [intervalo-de-escala-que-começa-em-zero-e-termina-em- $d_1(x)$  & valor-máximo-do-tanto-de-geleia-na-bochecha-de-Maria( $d_1$ ) & parâmetro-contextual-de-comparação( $d_2$ ) &  $\exists d_1 < \exists d_2$ ]

Na nova forma lógica, fica mais transparente que o significado de ‘pouco’ está contido no significado de ‘um pouco’. Vemos que a forma lógica de (39’) agora é visível dentro da nova forma lógica de (39), e se articula com a contribuição de ‘um’, que é o segmento de escala que começa em zero e termina no grau máximo de quantidade de geleia presente no rosto de Maria. A nova paráfrase de (39b) contém, além de uma comparação de inferioridade, uma asserção da existência de uma quantidade positiva. A saber: existe um tanto de geleia na bochecha de Maria e esse tanto é menor que certo parâmetro de comparação contextualmente recuperado.

Essa é a semântica composicional que propomos para ‘um pouco’, que inclui a semântica de ‘pouco’ e a contribuição de ‘um’, e, a nosso ver, dá conta das interpretações possíveis. Tendo proposto uma semântica para ‘pouco’ e outra para ‘um pouco’, agora vamos examinar como essa semântica é colocada a serviço da pragmática, ou seja, como a Máxima da Polidez se vale dessa semântica para evitar ameaças à face.

Examinaremos a exploração pragmática da semântica de ‘um pouco’: existe sim aquela propriedade, mas abaixo do padrão, em menor grau ou quantidade do que poderia ser/ do que em outros indivíduos. Temos aí uma leitura de atenuação.

Por isso, dizer que “Pedro é pouco chato” é entendido como “Pedro deveria ser mais chato ainda do que é” (falta-lhe chatice); mas “Pedro é um pouco chato” é entendido como “Pedro é chato, mas em baixo grau, menos do que outras pessoas, menos do que poderia ser”. Sendo essa a semântica de ‘pouco’ e ‘um pouco’.

Adjetivos são recursos linguísticos muito operativos em avaliações de situações, pessoas, mercadorias etc. Dado que as avaliações agradam ou desagradam o avaliado, e provocam a concordância ou a discordância do juízo de valor de outros avaliadores, eles desempenham um importante papel nas interações sociais.

A delimitação entre semântica e pragmática é uma questão amplamente discutida (SZABÓ, 2005; MORRIS, 1946; GRICE, 1982; HEIM; KRATZER, 1998; CHOMSKY, 2002, PIRES DE OLIVEIRA; BASSO, 2007). Para Grice (1989), era necessário que se distinguísse

entre o conteúdo literal da sentença (semântica) e uma gama de inferências que os ouvintes faziam a partir do uso daquela expressão em dado contexto (pragmática).

Para entendermos melhor o papel da linguagem nas interações sociais, Grice (1989) propõe o Princípio da Cooperação e as Máximas Conversacionais, apresentando as principais regras que conduzem uma interação linguística, quais fatores infringem essas regras e quais os efeitos decorrentes dessa desobediência.

O Princípio da Cooperação pode ser entendido como: “faça sua contribuição conversacional tal como requerida, no momento em que for requerida, pelo propósito e na direção do intercâmbio em que está engajado.” (GRICE, 1989: 26)

Aqui definiremos as quatro Máximas Conversacionais de Grice: a máxima da Quantidade recomenda que se faça uma contribuição tão informativa quanto requerido, nem mais e nem menos informativa do que a contribuição necessária para a conversação. A máxima da Qualidade recomenda que a contribuição dada pelo falante seja verdadeira; há duas submáximas para a máxima da Qualidade: (i) não diga o que você acredita ser falso e (ii) diga apenas aquilo para o que você possa fornecer evidência adequada. A máxima de Relação recomenda que o falante seja relevante. E, por último, a máxima de Modo recomenda que o falante faça seu discurso de forma clara, evitando ambiguidades, seja breve e ordenado ao transmitir informações.

O conceito de 'face' é proposto por Goffman (1955) e está relacionado aos valores pessoais que são colocados em jogo durante a interação comunicativa e que acabam definindo as escolhas linguísticas do falante. Segundo Goffman (1955), a face é "um valor social positivo que uma pessoa reclama para si" e "todas as pessoas tendem a experimentar uma resposta emocional imediata à face que lhe é proporcionada durante a interação".

A face não é tida como algo permanente, ela vai sendo construída e alterada durante a interação linguística. Dessa forma, é possível que a face seja ameaçada, protegida, recuperada e salva. A proteção da face influencia durante a interação comunicativa, fazendo com que o falante faça determinadas escolhas linguísticas e não outras.

Apesar do conceito de face e território ter sido proposto por Goffman (1955), diversos autores discutem essa teoria e criam seus próprios quadros teóricos, como Leech (1983), Goffman (1985) e Brown e Levinson (1987).

Inspirados por Goffman, Brown e Levinson postulam a teoria da máxima da Polidez, que mantém a face como a imagem que o indivíduo constrói de si nas interações sociais. Os autores defendem que o princípio de face seja universal, pois, mesmo que o conceito de ameaça à face varie de acordo com cada cultura, a necessidade de seguir algumas estratégias durante as interações sociais é universal.

Segundo Brown e Levinson, a face pode ser dividida em duas: a face positiva e a face negativa. A face positiva está relacionada com a autoimagem e com o desejo que temos de sermos reconhecidos e respeitados por outros indivíduos. Isso faz com que o falante queira que sua imagem seja aprovada durante as interações sociais. Já a face negativa é caracterizada pela preservação pessoal, relacionada ao desejo de manter a liberdade de ação e de se impor.

Não ameaçar a face do outro não significa que o indivíduo nunca poderá fazer uma crítica ou um pedido para o outro. Durante as interações, é normal que a face seja constantemente ameaçada; os autores chamam esses atos de Face Threatening Acts (FTAs). Entretanto, esses atos deverão ser executados utilizando meios que amenizem essas ameaças. A polidez é utilizada para que a comunicação seja feita sem grandes prejuízos à face do falante e do ouvinte, evitando criticar diretamente/ abertamente outras pessoas; portanto, usar a máxima da polidez é um ato de preservação da face.

A face negativa e a positiva são diferentes; portanto, os atos que podem constituir uma ameaça também mudam, como apresentam Brown e Levinson. Os atos que ameaçam a face negativa do falante são ofertas e promessas. Enquanto, as ameaças à face positiva podem ser compostas por pedidos de desculpas, autocríticas e confissões. Os atos que ameaçam à face positiva do interlocutor são expressões de desaprovação, críticas, reclamações, repreensões, acusações ou insultos. Já a face positiva do interlocutor é ameaçada por ordens, pedidos, sugestões, conselhos, lembretes (lembrar a o interlocutor que ele deve fazer algo) e avisos.

Alguns atos podem ofender tanto a face positiva quanto a face negativa simultaneamente, dependendo do contexto. Além disso, os atos de fala não se limitam apenas ao diálogo: ações não verbais, como expressões e gestos, também podem ameaçar a face do interlocutor. Existem ainda outros atos de fala que podem ameaçar a face, que são: não demonstrar interesse, interromper o falante ou mudar de assunto.

Ao interagir, tanto a face do emissor quanto a do destinatário se encontram vulneráveis; então, para evitar que a face seja ameaçada ou para amenizar essa ameaça, os indivíduos

deverão empregar certas estratégias. Uma das estratégias que podem ser empregadas é o uso de redutores/ atenuadores, como ‘um pouco’, para diminuir o peso de uma afirmação, como "Ele foi um pouco chato ao repetir a mesma coisa tantas vezes", para não afirmar diretamente que a pessoa foi chata e repetitiva.

Adjetivos que apresentam características negativas (‘burro’, ‘corrupto’) são chamados de adjetivos críticos/ de avaliação negativa e representam um ato de ameaça à face positiva, por realizarem uma crítica durante as interações sociais, como veremos na próxima seção. Os adjetivos que apresentam características positivas (‘inteligente’, ‘responsável’), são chamados adjetivos elogiosos/ de avaliação positiva e também podem representar uma ameaça à face positiva; porém, pode ser utilizada uma estratégia de recuperação da face ao atenuar a ameaça à face causada pelo ato de criticar.

Ao trabalharmos com o efeito das máximas no uso de ‘pouco’ e ‘um pouco’, focaremos na máxima da polidez. A nosso ver, o brasileiro tem como regra de cortesia “não criticar diretamente os outros”. Para evitar a ameaça à face do receptor; são empregados redutores/ minimizadores antes de adjetivos desfavoráveis. O brasileiro vai dizer que alguém está ‘pouco magro’ (magreza é uma qualidade positiva) ou que está ‘um pouco fortinho’ em lugar de dizer que ‘está gordo’ (ser gordo é negativo na nossa cultura). Isso ocorre para preservar a face daquele de quem se fala e a do falante (visto que é descortês atacar a face do outro).

Para Delduque (2019), uma sentença como “João é pouco inteligente” será lida como “João precisava/ devia ser mais inteligente do que é”; nesse caso, o parâmetro (‘bem inteligente’) é intensional, ou seja, é o que seria normal, o esperado, o desejado, o necessário etc. É ‘pouco’ que nos faz compreender que o indivíduo avaliado não chegou lá. Essa é a semântica de ‘pouco’: indica que o grau do elemento com referência vinculado ao sintagma modificado está aquém de um parâmetro. Após a modificação de ‘pouco’, o adjetivo expressa que o avaliado não atingiu o grau mínimo ou ideal.

Quando o adjetivo for positivo, como ‘bonito’, inserir ‘pouco’ corresponderá a uma crítica atenuada – em vez de usar ‘feio’, o polo oposto é aproveitado, com a ideia de que seria preciso ter um grau mais alto da propriedade valorizada. Quando o adjetivo for negativo, como ‘chato’, inserir ‘um pouco’ atenuará a crítica, lembrando que o grau da propriedade negativa é pequeno. Dada essa semântica, nossa hipótese é: a modificação de adjetivos avaliativos/expressivos por ‘pouco’ e ‘um pouco’ será sensível a questões pragmáticas.

Semanticamente, ‘pouco’ + adjetivo é uma crítica em que se deseja um grau maior da característica denotada pelo adjetivo. Se pensarmos em uma situação em que o filho de João tem ido diariamente para a diretoria da escola e a esposa de João pede para que ele converse com o menino, se João for suave demais ou não for objetivo, o filho pode não mudar seu comportamento. Assim, sua esposa afirmaria que João é pouco rígido e que não sabe impor sua autoridade. Ser rígido não é sempre visto pragmaticamente como uma característica positiva, mas a esposa deseja que João exponha ao filho sua face negativa, pois isso, ao corrigir as atitudes do filho, trará mais benefícios, do que deixá-lo ir para a diretoria do colégio.

A semântica de ‘pouco’ + adjetivo positivo é compatível com uma pragmática diferente da apresentada para de ‘pouco’ + adjetivo negativo. Em um contexto em que um primo invejoso afirma que João é pouco inteligente e nunca passará em um concurso, o primo afirma que a inteligência dele está aquém do necessário (a semântica é igual: no exemplo anterior a rigidez estava aquém do necessário). Mas, se reduzir o grau de um atributo malvisto é em geral melhor para preservar a face do avaliado que o relacionar a um alto grau do mesmo atributo, a falta de um atributo positivo é sempre a expressão de um julgamento negativo, independentemente da situação. Se João é “pouco inteligente”, para todas as situações em que se requer inteligência num grau da média para cima, João é inapto. É uma situação muito diferente da situação do filho de João, em que compensaria ser rígido, sem que necessariamente compensasse ser rígido em outras ocasiões.

Com o atributo positivo não se faz um julgamento sobre o comportamento adequado a uma ocasião, mas um julgamento de uma propriedade inerente e permanente do indivíduo. Pragmaticamente, ‘pouco’ + adjetivo negativo é um incentivo para a exposição (ocasional, temporária) da face negativa, mas ‘pouco’ + adjetivo positivo é sempre uma crítica à pessoa, e ameaça não só a face positiva do criticado, mas também a face positiva de quem faz a crítica, pois, na cultura brasileira, é feio criticar os outros abertamente.

Para o uso de ‘um pouco’ + adjetivo positivo, adotando novamente o exemplo do filho de João, se João afirma que a esposa é um pouco rígida com o garoto, o atenuador ‘um pouco’ vai significar que a esposa possui um certo grau (abaixo da média) de rigidez. Dizer que a esposa é um pouco rígida não significa necessariamente que João pense que ela é só um pouquinho rígida. Na verdade, ele pode pensar que ela é bastante rígida, mas usar o atenuador para proteger a face dela e a própria. Ao atenuar uma avaliação negativa, ele mostra que segue a Máxima da Polidez (evita criticar diretamente/ abertamente outras pessoas) e protege a própria face. É assim que ‘um pouco’ modificando um adjetivo negativo é pragmaticamente melhor –

soa de forma mais polida – que a versão da sentença sem ‘um pouco’: apesar de ser uma crítica, o adjetivo negativo modificado por ‘um pouco’ é uma crítica atenuada.

Se alguém afirma “João é inteligente”, do ponto de vista semântico, não há um grau especificado para a inteligência dele, mas há uma ligação entre João e um atributo positivo, um elogio pleno. É possível inferir que a inteligência de João está dentro do padrão. Mas, ao afirmar “João é um pouco inteligente”, será considerado que João tem inteligência tangível, mas em um grau abaixo do usual.

Juntando a semântica com a pragmática, dizer “João é inteligente” é um elogio pleno para João. Mas quem afirma que João é um pouco inteligente faz um elogio parcial, pois indica que ele só é inteligente até certo ponto. Pragmaticamente, o ouvinte se pergunta por que alguém faria um elogio parcial, sabendo que um elogio pleno seria mais forte. A resposta é: quem elogia não pode fazer um elogio mais forte sem violar a Máxima da Qualidade, ou seja, a pessoa não acredita que haja evidências que sustentem que João é bastante inteligente. Como ela é cooperativa, e conhece a máxima da polidez, que diz que elogiar é preferível a criticar, ela, não podendo elogiar plenamente, escolheu um meio elogio sobre uma crítica. Então a atenuação de uma afirmação positiva com ‘um pouco’ é interpretada como uma crítica amenizada. Isso mostra cuidado com a face do criticado, além de proteger a face de quem está criticando.

Se a semântica de ‘pouco’ e ‘um pouco’ é a apresentada, como explicar as interpretações de ‘pouco’ + adjetivo negativo (‘pouco rígido’), de ‘pouco’ + adjetivo positivo (‘pouco inteligente’), de ‘um pouco’ + adjetivo negativo (‘um pouco rígida’), de ‘um pouco’ + adjetivo positivo (‘um pouco inteligente’)? De fato, as interpretações obtidas não podem ser explicadas apenas pela semântica, por isso, utilizaremos a pragmática combinada à semântica para explicar essas interpretações.

### 3 EXPERIMENTO PILOTO

Com o intuito de observarmos se o efeito na pragmática da semântica da modificação de ‘pouco’ e ‘um pouco’ estava de acordo com nossas hipóteses, realizamos um experimento piloto. Para o desenvolvimento deste, foram pesquisadas sentenças que contivessem ‘pouco’ e ‘um pouco’ modificando adjetivos em *podcasts* no site CBN. No desenho, há um contexto, em que alguém avalia um comportamento alheio com uma sentença contendo ‘pouco’ ou ‘um pouco’ e um adjetivo positivo ou negativo. A tarefa do participante é interpretar se a sentença-alvo é um elogio ou uma crítica. Foram montados x contextos, combinados a 64 sentenças-alvo, tal que ‘pouco’ e ‘um

'pouco' aparecessem modificando adjetivos positivos ('alegre', 'inteligente') e negativos ('chato', 'burro') – 32 sentenças para cada modificador (16 com adjetivos positivos e 16 com adjetivos negativos). As ocorrências seriam divididas em 4 testes com 16 questões cada; 4 questões para cada *podcast* ouvido.

Buscamos ocorrências de produção espontânea em vídeos de seriados de comédia, como *Friends*, no qual a ameaça à face é utilizada como um artifício para criar cenas cômicas, e em *podcasts* de opinião no site CBN, focando, principalmente, em assuntos políticos. Acreditávamos que esse material seria suficiente para montar os testes. Entretanto, houve dificuldade para encontrarmos *situações* que contivessem críticas/ elogios contendo 'pouco' e 'um pouco', sendo esse fato um primeiro indício da sensibilidade desses modificadores a questões pragmáticas. Foram encontradas poucas ocorrências em que 'pouco' modificasse adjetivos positivos. Isso é esperado, caso se mostre verdadeira a nossa hipótese de que 'pouco' diminui o grau da qualidade e soa como uma crítica, infringindo a máxima da polidez. Assim, ao fazer uma crítica à face alheia, o falante colocaria em risco a face de todos os envolvidos: a face de quem está sendo criticado, a face do ouvinte e a face do próprio falante. Não foi encontrada nenhuma ocorrência em que 'pouco' modificasse adjetivos negativos, isso é esperado, de acordo com a hipótese apresentada na seção anterior de que esse tipo de sentença soaria como se o falante desejasse mais de uma qualidade negativa ('José é pouco rude' = desejo que José seja mais rude).

Em razão das dificuldades encontradas para obter um número satisfatório de ocorrências, foi necessário desenvolver diálogos fictícios, gravados por voluntários. Os *podcasts* do site CBN também foram regravados, para que não houvesse diferença entre a qualidade dos áudios. Os áudios duravam até 1 minuto, e seus diálogos consistiam em comentários políticos culturais, compostos por situações de elogio e de crítica, com 'pouco' e 'um pouco' modificando adjetivos. O experimento piloto foi desenvolvido de forma *offline*, intraparticipantes.

O experimento foi aplicado a 28 participantes, que assinaram termo de consentimento. Todos os participantes eram falantes nativos de PB jovens adultos e alunos da UFRJ. Por utilizarmos a semântica formal como base, aplicando um teste de interpretação controlada e tendo como objetivo encontrar universais semânticos, características como idade, gênero e naturalidade não interferem nos resultados. Por ser um experimento piloto, ainda não há licença da Plataforma Brasil, mas será solicitada antes de aplicarmos novos experimentos.

A tarefa do experimento consistia em ouvir um *podcast* em que a atitude de uma personagem do cenário político ou cultural brasileiro era avaliada por uma segunda personagem com um comentário que continha ‘pouco’/ ‘um pouco’ modificando adjetivo. Em seguida, os participantes eram convidados a dizer: (i) se o comentarista era favorável ou desfavorável à personagem; (ii) se o comentarista estava elogiando ou criticando; e, (iii) se seria ou não rude/cortês dizer a mesma coisa diretamente à personagem sobre a qual se fazia a crítica/ o elogio.

De acordo com nossa hipótese, os participantes iriam afirmar que ao usar ‘pouco’ modificando adjetivo positivo, o comentarista do *podcast* seria entendido como se estivesse fazendo uma crítica; por exemplo, ao afirmar ‘Fulano é pouco responsável’ seria entendido como falta responsabilidade para a pessoa, sendo uma forma de atenuar uma crítica como ‘Fulano é irresponsável’.

Ao utilizar ‘pouco’ modificando adjetivo negativo, se o comentarista afirmasse que ‘Fulana é pouco rancorosa’, a interpretação desse comentário seria de que ele está sendo mais agressivo para com o objeto desse rancor, que merecia mais (ela deveria ser mais rancorosa do que é); mesmo que a entonação seja irônica, significando que fulano é muito rancorosa (e o atenuante nesse caso é a brincadeira, a ironia: melhor falar que ‘Fulana é pouco rancorosa’ do que falar que ‘Fulana é rancorosa’).

Em ambos os casos (‘pouco’ + adjetivo negativo e positivo), o comentarista do *podcast* é desfavorável à personagem e fazer uma crítica diretamente expõe a face do comentarista, que será considerado rude, principalmente se dita em frente à pessoa alvo da crítica. Para evitar essa exposição da face, o comentarista vai usar estratégias de atenuação. ‘Pouco’ é um redutor/atenuador semanticamente e também pode abrandar críticas pragmaticamente.

Apesar de terem áudios e questões diferentes, a ordem de todos os quatro testes eram iguais, a primeira questão (1a-1d) era composta por ‘pouco’ + adjetivo negativo. A segunda questão (2a-2d), por ‘pouco’ + adjetivo positivo. A terceira (3a-3d), por ‘um pouco’ + adjetivo negativo. E a quarta questão (4a-4d), por ‘um pouco’ + adjetivo positivo.

### **3.1 RESULTADOS**

Ao elaborarmos as questões do teste, criamos um gabarito de quais eram os resultados possíveis. Questões com resultados de acordo com nossa hipótese seriam listadas como “favoráveis”. Questões com resultados diferentes do esperado seriam classificadas como “contrárias” e

respostas que não condiziam com o teste ou fugiam do assunto proposto deveriam ser classificadas como nulas.

**Tabela 1: ‘Pouco’ + adjetivo negativo**

‘POUCO’ + ADJETIVO NEGATIVO			
Questão	Favorável	Contrária	Nula
1 a	28	0	0
1 b	25	1	1
1 c	18	8	2
1 d	22	1	5

Na questão 1a, o diálogo ouvido pelos participantes se passava entre uma moça e um rapaz. Neste, o rapaz questiona se a mãe da moça não ficou nervosa ao saber que a filha faria um “mochilão” pela Europa, a moça responde que a mãe é pouco rígida com essas coisas e o rapaz finaliza o diálogo dizendo que a mãe dele “teria um troço” se ele fizesse algo parecido.

Nesse caso, todos os participantes do experimento concordaram que seria descortês fazer a mesma afirmativa em frente à mãe da moça, pois faria com que a autoridade da mãe fosse contestada, sendo uma ameaça à face da mãe.

Acreditamos que a divergência nos resultados contrários na questão 1c se deu por problemas na formulação ou gravação do diálogo, fazendo com que alguns participantes não entendessem que se tratava de ‘pouco’ e não de ‘um pouco’.

**Tabela 2: ‘Pouco’ + adjetivo positivo**

‘POUCO’ + ADJETIVO POSITIVO			
Questão	Favorável	Contrária	Nula
2 a	28	0	0
2 b	28	0	0
2 c	28	0	0
2 d	28	0	0

Pegando como exemplo a questão 2c (teste 3), o áudio retrata uma situação em que um rapaz pergunta a uma moça se a irmã dela já terminou o curso de inglês, a moça responde que a irmã é “pouco esforçada” e acabou desistindo. No teste, foi perguntado aos participantes do experimento se a visão da moça sobre a irmã era positiva e negativa.

Esperávamos que os participantes do experimento indicassem que a visão da moça sobre a irmã era negativa, por causa da combinação de 'pouco' + adjetivo positivo. Na questão 2c e nas outras questões equivalentes, todos os resultados estavam de acordo com nossa hipótese.

**Tabela 3: ‘Um pouco’ + adjetivo negativo**

‘UM POUCO’ + ADJETIVO NEGATIVO			
Questão	Favorável	Contrária	Nula
3 a	28	0	0
3 b	24	2	2
3 c	28	0	0
3 d	26	2	0

Dos 28 testes aplicados, tivemos 4 respostas contrárias à hipótese, nos áudios 3b (teste 2) e 3d (teste 4). No áudio 3b, a moça informa ao rapaz que conseguiu um emprego, e ele a questiona afirmando que ela já faz estágio e faculdade e se não seria um pouco complicado dar conta disso tudo.

Acreditamos que as respostas contrárias se deram pela atenuação que 'um pouco' exerce sobre a pragmática do adjetivo negativo. No exemplo 3a, “um pouco complicado dar conta de tudo” pode não ter sido interpretado como uma resposta negativa na qual o rapaz desencorajava a moça a fazer tantas atividades ao mesmo tempo (um ato de simpatia para com a dificuldade típica dessa fase da vida).

**Tabela 4: ‘Um pouco’ + adjetivo positivo**

‘UM POUCO’ + ADJETIVO POSITIVO			
Questão	Favorável	Contrária	Nula
4 a	28	0	0
4 b	24	3	1
4 c	16	10	2
4 d	22	6	0

Na questão 4, apenas a 4a teve todas as respostas favoráveis à nossa hipótese. Novamente, acreditamos que a formulação das questões 4b, 4c e 4d possa ter interferido na interpretação dos participantes. Além disso, a combinação de 'um pouco' + adjetivo positivo é a única que gera duas interpretações possíveis, por isso, seria necessário elaborar mais a questão, para entender qual das duas interpretações o participante havia compreendido do diálogo e o porquê da escolha.

Contudo, a unanimidade de respostas de acordo com a hipótese na questão 4a nos leva a acreditar que nossa hipótese se sustenta e o problema pode ser solucionado com uma reformulação das questões 4b-d.

### 3.1.2 DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Os resultados foram ao encontro de nossa proposta. A semântica de ‘pouco’ modificando adjetivo afirma que algo/ alguém não alcança um parâmetro de comparação. Adjetivos positivos, como ‘obediente’, combinados com ‘pouco’ corresponderão a uma crítica (=falta obediência), abrandada em comparação com a expressão alternativa ‘ela é obediente’. Foi isso que Heim quis dizer quando analisou o redutor do inglês (*‘little’, ‘a little’*) como uma negação de graus: quem é ‘pouco obediente’ não chega a ser ‘obediente’, estando mais para ‘desobediente’. O experimento mostra que a crítica é identificada em ‘pouco’ + adjetivo de avaliação positiva, mas como abrandada, em relação ao uso sem redutor do polo oposto do adjetivo. ‘Pouco’ modificando adjetivos negativos, como “chato”, indica que se deseja mais da qualidade negativa (=seja mais chato). Isso é visto como uma crítica mais contundente que a afirmação do mesmo adjetivo, sem redutor: ‘ele é pouco chato’ é mais forte que ‘ele é chato’, e é crítica (deseja mal ao criticado ou às pessoas que se relacionam com ele), enquanto a afirmação do polo oposto do adjetivo, sem redutor, é elogiosa ‘ele é interessante’. A semântica de ‘um pouco’ modificando adjetivos negativos, como ‘chato’, atenuarão a crítica. Quando os adjetivos forem positivos, como ‘obediente’, a modificação por ‘um pouco’ gera duas interpretações possíveis: (i) humildade: o grau da qualidade é apresentado como baixo por modéstia; e, (ii) crítica atenuada (dizer ‘[até/só] um pouco obediente’ é melhor que dizer ‘desobediente’).

Ao utilizar ‘um pouco’ modificando adjetivo negativo (‘Fulano é um pouco preguiçoso’) o comentarista faz uma crítica mais branda do que se afirmasse diretamente que ‘Fulano é preguiçoso’ ou ainda que ‘Fulano é pouco trabalhador’, portanto, a utilização de ‘um pouco’ + adjetivo negativo preserva mais a face do crítico e do criticado. A afirmação do comentarista com ‘um pouco’ + adjetivo negativo será considerada descortês, mas não rude no mesmo nível de sentenças com ‘pouco’ + adjetivo, portanto preservará a face, evitando exposição.

Em afirmações com ‘um pouco’ modificando adjetivo positivo (‘Fulano é um pouco corajoso’) o comentarista atenua uma crítica, é melhor do que dizer que ‘Fulano é covarde’ ou ‘Fulano é um pouco covarde’. ‘Um pouco corajoso’ aponta que o fulano possui uma característica positiva, mesmo que em pequena quantidade. Entretanto, dizer que ‘Fulano é corajoso’ é melhor do que dizer que é ‘um pouco corajoso’. Portanto, para a preservação da face, ‘um pouco’ + adjetivo positivo é pior do que adjetivo positivo sem redutor, mas preserva mais a face do criticado e do crítico do que em é favorável à personagem, mas sua afirmação é descortês, se dita em frente à personagem.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho, foram examinadas sentenças bem formadas, que, ao se combinarem com ‘pouco’, geravam um estranhamento ou agramaticalidade. Essa agramaticalidade foi explicada como consequência da seleção semântica realizada por ‘pouco’, o qual foi analisado por nós como um modificador de graus do tipo redutor de grau. ‘Pouco’ não faz seleção categorial, aparecendo em diversos domínios como adjetival, verbal, nominal e adverbial, mas faz seleção semântica. A operação realizada por ‘pouco’ em todos os domínios é a mesma: produz uma comparativa de inferioridade implícita. O que nos leva a postular que temos o mesmo operador de graus atuando da mesma forma em todos os domínios. No domínio adjetival, ‘pouco’ modifica todos os adjetivos que são inerentemente graduais (AGs). Neste domínio, há pontos que chamam atenção: a semântica de graus estabelece que os AGs podem ser divididos em adjetivos de escala aberta e de escala fechada. ‘Pouco’ seleciona semanticamente ambas as escalas, o que difere dos domínios verbal e nominal. No domínio adjetival, independente da escala, ‘pouco’ produz uma comparativa de inferioridade implícita, que é uma escala aberta.

Para darmos conta de não haver seleção semântica com adjetivos, quando essa seleção existe claramente nos domínios verbal e nominal, utilizamos a proposta de Gomes (2010), que afirma que esse é um parâmetro semântico entre o português e o inglês: em inglês, há muitos determinantes especializados em nomes massivos (‘*much salt*’ ‘muito sal’), e muitos especializados em nomes contáveis (‘*many girls*’ ‘muitas meninas’), enquanto em português a maioria dos determinantes modifica indiferentemente massivos e contáveis (‘*much*’ e ‘*many*’ são traduzidos por ‘muito(s)’). Da mesma forma, os modificadores de grau do PB não apresentam seleção semântica como os do inglês, mas produzem com o AG modificado um tipo de escala único e previsível: ‘muito’ + AG produz uma escala aberta que é uma comparativa de

superioridade, ‘pouco’ + AG produz uma escala aberta que é uma comparativa de inferioridade, ‘todo’ + AG produz uma escala fechada na ponta superior, no grau máximo etc. Por força desse parâmetro, no domínio adjetival temos apenas o mesmo produto da modificação por ‘pouco’, em termos de escala, que no verbal e no nominal, enquanto nestes dois últimos temos também a incompatibilidade de ‘pouco’ com escala fechada, gerando agramaticalidade.

No domínio verbal, ‘pouco’ seleciona escalas aspectuais abertas, que são as dimensões de duração mensurada e de frequência. Sendo assim, o modificador ‘pouco’ não opera sob sintagmas verbais de estado, a menos que sejam inerentemente escalares, isto é, que já entrem na sintaxe com grau, já que estados não apresentam dimensões aspectuais escalares. Observamos também que a progressão para a culminância é uma dimensão aspectual de escala fechada, encontrada em *accomplishments*. Os *achievements* são instantâneos e suas mudanças de estado não progridem gradualmente, sendo considerados escalas fechadas. Como este tipo de escala não atendem à seleção semântica de ‘pouco’, em sentenças com leituras de episódio único, ‘pouco’ nunca modificará dimensões aspectuais atreladas às classes acionais *accomplishment* e *achievement*. Por esse motivo, a classe acional favorita para a modificação de ‘pouco’ é a classe acional atividade, pois apresenta sempre uma das duas propriedades aspectuais de escala aberta, a duração, e que pode ainda apresentar ou não a propriedade de frequência.

Da mesma forma que há verbos inerentemente escalares, há nomes que possuem essa mesma característica. Todos eles podem ser modificados por ‘pouco’, por possuírem escalas abertas. Mas o ponto mais interessante do domínio nominal é examinar as escalas de quantidade. As dimensões de cardinalidade e de volume podem ou não apresentar grau máximo. A divisão é feita pela estrutura do nominal: nomes singulares nus e nomes plurais nus apresentam volume sem delimitação e cardinalidade aberta, atendendo à seleção semântica de ‘pouco’; sintagmas de determinante apresentam volume delimitado e cardinalidade fechada, que não atendem à seleção semântica de ‘pouco’. Por isso, é impossível gerar leituras de comparação de inferioridade implícita com a inserção de ‘pouco’ em sintagmas de determinante. Todos os predicados inerentemente escalares podem ser modificados por ‘pouco’, sejam adjetivos, verbos, nomes ou advérbios. Dimensões aspectuais, em sintagmas verbais, e escalas de quantidade, em sintagmas nominais, são modificados, mas apenas se formarem uma escala aberta.

A análise aqui proposta indica que o modificador de graus ‘pouco’ faz sempre a mesma operação em todos os domínios, e explica a sua distribuição em todos eles, fazendo previsões corretas.

Notamos que é possível diferenciar ‘pouco’ e ‘um pouco’ composicionalmente. A semântica de ‘pouco’ introduz uma comparativa de inferioridade com um parâmetro recuperado do contexto. ‘Um’ introduz um quantificador existencial,  $\exists$ , asseverando a existência de um intervalo da escala, introduzindo um sintagma de medida completo. ‘Um pouco’ compara intervalos de escala menores do que o parâmetro de comparação.

As diferenças semânticas entre ‘pouco’ e ‘um pouco’ marcam empregos pragmáticos distintos, essas diferenças semânticas devem ser exploradas em combinação com máximas da polidez.

A semântica de ‘pouco’ modificando adjetivo negativo é entendida como se o falante desejasse que houvesse mais da qualidade negativa em algo ou alguém. Pragmaticamente, trata-se de uma crítica de falta. A semântica de ‘pouco’ modificando adjetivo positivo é entendida como uma crítica direta e clara, mesmo sem contexto especial se entende que o grau da qualidade positiva está abaixo do aceitável. A semântica de ‘um pouco’ modificando adjetivo negativo ameniza a crítica, o grau da qualidade negativa é pequeno. É melhor para a preservação da face utilizar redutor + adjetivo negativo do que apenas o adjetivo negativo. A semântica de ‘um pouco’ modificando adjetivo positivo apresenta o grau da qualidade como baixo, mas há duas possibilidades para esse uso: o primeiro motivo seria humildade, o grau do adjetivo é apresentado como baixo por modéstia do falante; o segundo motivo seria para atenuação da crítica: é preferível dizer que algo ou alguém tem um tanto da qualidade positiva, mesmo que esse tanto seja pequeno e é melhor do que afirmar que a pessoa não tem a qualidade.

Uma possível aplicação didática para nossa pesquisa seria uma classificação simplificada para ‘pouco’ como um modificador de graus que não faz seleção categorial, mas semântica. Visto que, para a GT, ‘pouco’ pode ser classificado de diversas maneiras: artigo, advérbio de intensidade, substantivo masculino ou pronome indefinido. Essas classificações são dadas de acordo com o ambiente gramatical em que ‘pouco’ está inserido e a função sintática ali exercida, ou conforme a categoria do elemento modificado. Essa pluralidade de classificações aponta para a circulação de ‘pouco’ em diversos domínios (o que corrobora com nossa proposta).

## 5 REFERÊNCIAS

- BARNER, David; SNEDEKER, Jesse. Quantity Judgments and Individuation: Evidence that Mass Nouns Count. *Cognition*, [S.l.], v. 97, n. 1, p. 41-66, 2005. Doi: <https://doi.org/10.1016/j.cognition.2004.06.009>
- BARRERE, Luana Lisboa. Face e polidez linguística em reclamações online: uma análise sob o viés pragmático. *Entrepalavras*, [S.l.], v. 7, n. 1, p. 383-405, set. 2017. ISSN 2237-6321. Disponível em: <<http://www.entrepalavras.ufc.br/revista/index.php/Revista/article/view/840>>. Acesso em: 05 ago. 2020. doi:<http://dx.doi.org/10.22168/2237-6321.7.7.1.383-405>.
- BARWISE, Jon; COOPER, Robin. Generalized Quantifiers and Natural Language. In: *Philosophy, Language, and Artificial Intelligence*, [S.l.], v. 4, n. 2, p. 241-301, 1981. Doi: [https://doi.org/10.1007/978-94-009-2727-8\\_10](https://doi.org/10.1007/978-94-009-2727-8_10)
- BASSO, Renato Miguel. "Uma proposta para a semântica dos adjuntos' em X tempo'e'por X tempo'." *ALFA: Revista de Linguística* 55.1 (2011).
- BASSO, Renato; SOUZA, Luisandro; OLIVEIRA, Roberta; TAVEIRA, Ronald. *Semântica*. Florianópolis - 2009.
- BOGAL-ALLBRITTEN, Elizabeth. Slightly Coerced: Processing Evidence for Adjectival Coercion by Minimizers. In: *MEETING OF THE CHICAGO LINGUISTIC SOCIETY, 48th.*, 2012, Chicago. Proceedings [...]. Chicago: Chicago Linguist. Soc., 2012. p. 77-92.
- BROWN, Penelope; LEVINSON, Stephen C. Universals in language usage: Politeness phenomena. In: *Questions and politeness: Strategies in social interaction*. Cambridge University Press, 1978. p. 56-311.

CHIERCHIA, Gennaro. "Semântica. Tradução de Luis Arthur Pagani; Lígia Negri e Rodolfo Ilari." *Campinas, SP: Editora da Unicamp* (2003).

DELDUQUE, Juliana dos Santos. A modificação de nominais por “pouco”. In: JORNADA GIULIO MASSARANI DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA, TECNOLÓGICA, ARTÍSTICA E CULTURAL, 40., 2018. Rio de Janeiro: UFRJ, 2018. [Trabalho apresentado].

DELDUQUE, Juliana dos Santos. A modificação de sintagmas verbais por “pouco” e “um pouco”/ classes acionais de vps modificados por “(um) pouco”. In: JORNADA GIULIO MASSARANI DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA, TECNOLÓGICA, ARTÍSTICA E CULTURAL, 39., 2017. Rio de Janeiro: UFRJ, 2017. [Trabalho apresentado].

DELDUQUE, Juliana dos Santos. COMO DIFERENCIAR ‘POUCO’ E ‘UM POUCO’? / DIFERENÇAS SEMÂNTICAS OU PRAGMÁTICAS? In: JORNADA GIULIO MASSARANI DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA, TECNOLÓGICA, ARTÍSTICA E CULTURAL, 40., 2019. Rio de Janeiro: UFRJ, 2019. [Trabalho apresentado].

DELDUQUE, Juliana dos Santos. Como se comportam “pouco” e “um pouco” modificando adjetivos?. In: JORNADA GIULIO MASSARANI DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA, TECNOLÓGICA, ARTÍSTICA E CULTURAL, 38., 2016. Rio de Janeiro: UFRJ, 2016. [Trabalho apresentado].

DELDUQUE, Juliana dos Santos. Relatório de bolsa. Rio de Janeiro: CNPq; 2018.

DELDUQUE, Juliana dos Santos. Relatório de bolsa. Rio de Janeiro: CNPq; 2020.

DELDUQUE, Juliana dos Santos; GOMES, Ana Paula Quadros. O que o modificador “pouco” mostra sobre as classes aspectuais do PB. I CONGRESSO INTERNACIONAL DE TEMPO, ASPECTO E MODO, I., 2018, Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: UFRJ, 2018. [Trabalho apresentado].

DOETJES, Jenny. Adjectivesanddegreemodification. Adjectivesandadverbs. Oxford: Oxford UP, p. 123-155, 2008.

DUCROT, Oswald. French “peu” and “un peu”. A Semantic Study. In: KIEFER, F.; RUWET, N. (ed.). Generative Grammar in Europe. Dordrecht: Springer, 1973. p. 178-202. Doi: [https://doi.org/10.1007/978-94-010-2503-4\\_9](https://doi.org/10.1007/978-94-010-2503-4_9)

DUCROT, Oswald. Princípios de semântica linguística: (dizer e não dizer). São Paulo: Cultrix, 1977.

GOMES, Ana Paula Quadros. The StructureofGradableAdjectives in BrazilianPortuguese. In: SEMANTICS O UNDER-REPRESENTED LANGUAGES IN THE AMERICAS – SULA, 5., 2010, Cambridge, MA. Proceedings [...]. Amherst, MA: GLSA - GraduateLinguisticsStudentsAssociation, 2010. v. 41. p. 49-66.

GOMES, Ana Paula Quadros; DELDUQUE, Juliana dos Santos. Um estudo sobre o licenciamento e a interpretação de ‘pouco’ em português do Brasil (PB) / A surveyonthelicensingandthereadingsof “pouco” in BrazilianPortuguese (BP). REVISTA DE ESTUDOS DA LINGUAGEM, [S.l.], 2019. ISSN 2237-2083.

GOMES, Ana Paula Quadros; SANCHEZ-MENDES, Luciana. Degree modification in Brazilian Portuguese and in Karitiana. ReVEL, [S.l.], edição especial, n. 9, 2015. [www.revel.inf.br].

GOMES, Ana Paula; MENDES, Luciana. Para conhecer semântica. São Paulo: Contexto, 2018.

HEIM, Irene. Little. In: SEMANTICS AND LINGUISTIC THEORY CONFERENCE, 16th., 2006, Tokyo. Proceedings [...]. Ithaca, NY: CLC Publications, 2007. p. 35-58. Doi: <https://doi.org/10.3765/salt.v16i0.2941>

HEIM, Irene. *The Semantics of Definite and Indefinite Noun Phrases*. Garland Publishers: New York, 1988.

KENNEDY, Christopher; MCNALLY, Louise. Scale structure, degree modification, and the semantics of gradable predicates. *Language*, p. 345-381, 2005.

PARTEE, Barbara. Compositionality and coercion in semantics: The dynamics of adjective meaning. *Cognitive foundations of interpretation*, p. 145-161, 2007.

PORTNER, Paul H., and Barbara H. Partee, eds. *Formal semantics: the essential readings*. Vol. 7, p. 75-126. John Wiley & Sons, 2008.

QUADROS GOMES A. P.. The Structure of Gradable Adjectives in Brazilian Portuguese. In: SULA 5: SEMANTICS OF UNDER-REPRESENTED LANGUAGES IN THE AMERICAS, 2010, Cambridge, MA. PROCEEDINGS OF SULA 5: SEMANTICS OF UNDER-REPRESENTED LANGUAGES IN THE AMERICAS. Amherst, MA: GLSA - GraduateLinguisticsStudentsAssociation, 2010. v. 41. p. 49-66.

SANCHEZ-MENDES, Luciana. A modificação de grau no domínio verbal em Karitiana: Evidência para Escalas indeterminadas. *LIAMES: Línguas Indígenas Americanas*, Campinas, v. 15, n. 1, p. 125-147, 2015. Doi: <https://doi.org/10.20396/liames.v15i1.8641499>

SILVA, Lidia Lima da. **A distinção entre os indefinidos 'um' e 'algum' no português brasileiro**. 2007. Dissertação (Mestrado em Semiótica e Linguística Geral) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007. doi:10.11606/D.8.2007.tde-31012008-103215. Acessoem: 2020-06-05.

SOUZA, Luisandro Mendes de. SOBRE A SEMÂNTICA DE 'POUCO' E 'UM  
POUCO'. *Línguas & Letras*, [S.l.], v. 17, n. 35, maio 2016. ISSN 1981-4755. Disponível em:  
<<http://e-revista.unioeste.br/index.php/linguaseletras/article/view/11699>>. Acesso em: 22 jun.  
2020.

VENDLER, Zeno. Verbs and Times. *The Philosophical Review*, Durham, v. 66, n. 2, p. 143-  
160, 1957. Doi: <https://doi.org/10.2307/2182371>